

GESTOS DE LEITURA:
HISTÓRIA E IMAGINÁRIO NO TEXTO INFANTO-JUVENIL MODERNO

Rayssa Kelly Santos de Oliveira – UFPB

Rayssa@live.com.au

Ivanildo da Silva Santos - UFPB

Iviblackcat3@gmail.com

Hermano de França Rodrigues – ORIENTADOR

hermanorg@gmail.com

Resumo

A literatura infanto- juvenil circula, há séculos, no imaginário de grupos, povos e sociedades. Seu caráter humanizador atribui contornos ideológicos a comportamentos, valores e crenças, de tal modo que passam a refletir, na figurativida desígnica, as permanências e rupturas próprias da cultura. Assim, deixando-nos guiar pelos trabalhos de Antônio Cândido, acerca da relação entre literatura e sociedade, e de Ângela Kleiman, sobre o caráter social da leitura, pretendemos analisar, no conto *O Rouxinol e a Rosa*, do escritor e dramaturgo Oscar Wilde, as críticas arremessadas, sutil e incisivamente, à política vitoriana, buscando compreender, numa interlocução entre leitores, os papéis que as personagens representam nesse contexto.

Palavras- chave: Literatura; Sociedade; Leitura.

A leitura de mundo através do texto literário proporciona para o aluno uma inesgotável fonte de sentidos para sua vida. Além de motivá-los a questionar o tempo, espaço e sociedade que são inseridos. O leitor em seu contato com a obra estabelecerá um elo que necessita da intervenção de um docente que preocupe-se em motivá-lo através de temas prévios que os instiguem para a leitura do texto. Comprendemos que a literatura terá um caráter social que refletira na mudança de consciência do indivíduo, permitindo visões de vivência, através da experiência do outro. Ultrapassando os limites do aqui e agora, proporcionando as relações de expressões interculturais.

E estabelecer uma relação entre sociedade e literatura. Procuraremos ressaltar a importância da obra literária como fragmento sócio-histórico capaz de representar a memória e os indivíduos da sociedade. Através dos estudos teóricos de ensino de leitura e letramento literário em sala de aula destacaremos a necessidade da escolarização da literatura.

1. Literatura e Sociedade: um direito de todos

A literatura possui laços estreitos com a sociedade, porque expressa os dilemas e realidade do homem em determinado espaço e tempo histórico. A literatura impulsiona o leitor a colocar-se no lugar do outro explorando o raciocínio e imaginário. Nessa perspectiva atentamos a capacidade que a literatura possui de tocar em temas relativos à história e a realidade social de comunidades e grupos retratando através do texto, os costumes, normas, opressões, submissões, e a cultura e organização política e social de determinada região. Ela tem um papel fundamental nas construções e desconstruções de paradigmas. Em virtude disso, através de seus textos de ficção podemos perceber as representações dos sujeitos que ocupam as ilegalidades, desigualdades, subversões numa sociedade. A literatura é uma invenção do cotidiano e articula entre discursos e práticas sociais.

É uma forma de expressão subjetiva do homem, a literatura amplia nossa compreensão sobre os vários contextos em que se insere o sujeito na sociedade, através da interpretação das palavras do autor podemos entender a intenção do mesmo ao escrever a obra. Além de compreender melhor a associação entre o texto e contexto numa interpretação. A literatura passa a ser um fragmento sócio-histórico da sociedade. Representando um olhar e visão de temas, frequentemente, esquecidos e camuflados.

Nas palavras de Antônio Cândido refletimos que a obra literária seria um “condicionamento” do externo (social) sendo assim, os fatores externos tornam-se parte da constituição da estrutura interna.

(...) e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p.13-14).

A partir da citação acima, entendemos que há uma associação entre fatores externos (social) que fornece fatores sociais como, costumes, gírias, ideias, hábitos, ambientes; configurando-se como a essência da obra, sendo assim, impossível negar o valor sócio-histórico da Literatura.

A obra ficcional é a construção de uma memória com coletiva ou individual, moldando clareza "a ficção é um discurso informal do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele" (CHARTIER, 2010). Nas palavras de Chartier, algumas obras literárias possuem a capacidade de assegurar um testemunho da memória coletiva ou individual, tornando-se um artefato sócio-histórico da sociedade.

As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história. (...) deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são representadas como tais (CHARTIER, 2010).

A literatura estabelece uma relação entre a memória coletiva ou individual, como elementos fornecidos pelo passado. Através dessa relação a obra ficcional assume a representação de várias formas discursivas representando o passado(referencial histórico). A literatura pode criticar, observar e analisar todos os aspectos conflitantes ocorridos na comunidade ou sociedade. E através dos pontos de vista traçados pelas representações sociais descritas nas personagens ficcionais, o leitor entenderá e notará a construção de uma argumentação favorável ou não;sobre os discursos em torno dos indivíduos representados na obra. A literatura propõe uma reflexão sobre a história ou uma crítica a sociedade como uma consciência ou revelação dos sentidos dos fatos narrados nas obras(Hartog, 1994).

Nas palavras abaixo, notamos a condição própria da narrativa literária nessas representações do passado e memória do coletivo e individual,

A narração não podia ter uma condição própria, pois, conforme os casos, estava submetida às disposições e às figuras da arte retórica, ou seja, era considerada como o lugar onde se revelava o sentido dos próprios fatos ou era percebida como um obstáculo importante para o conhecimento verdadeiro. Só o questionamento dessa epistemologia da consciência e a tomada de consciência sobre a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem a ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção (CHARTIER, 2010).

Fica perceptível o valor sócio-histórico da obra literária como forma de construir um panorama das opressões, preconceitos e sujeitos colocados à margem na sociedade.

2. Compreensão do ato de ler na escola

A percepção de leitura abrange os mais diversos temas, seja ele de cunho analítico, psicológico ou em caráter pedagógico. Este meio de interpretação é uma função de extrema importância no ensino, pois é a partir desta competência que o aluno irá adquirir suportes para dar significados ao que lhe é exposto, sendo capaz de desenvolver diversos gêneros textuais. De acordo com os PCN's:

“formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos”. (PCN's, Língua Portuguesa, ensino fundamental, p. 41).

Ao ler um texto, o aluno resignifica-o de acordo com uma leitura prévia acerca do meio social que se está inserido. Se essa leitura for complexa e discrepante, irá tornar-se maçante e sem significados, sendo assim, o aluno não será capaz de associar textos, ou seja, a leitura, como uma forma de acrescentar conhecimento a sua vida dentro e fora do âmbito escolar e encaminhará para uma inabilidade do ato de ler. Para Kleiman (2002), a leitura consiste em representações que abarcam o significado do texto. Segundo a autora:

A experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há letras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções

de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor. (KLEIMAN, 2002, p. 23).

Para tanto, faz-se necessário uma compreensão do educador tornando-se um mediador do processo de leitura e interpretação. Porém, deixando o aluno livre para fazer suas próprias interpretações, sem infiltrar-se como uma figura autoritária e detentora do conhecimento e interpretação.

Muitos educadores possuem a criatividade e o ensejo de provocar mudanças mediante as formas organizadas e ordenadas propostas pelas escolas, contudo, atena-se para o que Kleiman (2002) vem nos informar que embora estes profissionais almejem mudanças, não há um preparo em sua formação, nem tampouco, um curso direcionado para esta área em específico. À vista disso, algumas escolas também têm o poder de (pre)definir o que será ministrado e as formas que se encaminhará o processo de ensino. Por vezes, os elementos inseridos não levam o aluno a obter o prazer pela leitura, os fazendo enxergar como uma forma obrigatória e cansativa. Com essa “política” adotada nas instituições, permeia ao costume e alienação.

Os alunos aprendem que para se ter um bom aproveitamento, é necessário seguir com essa maneira maçante. Surgem então as dificuldades para o educador, mediante as indagações enfatizadas pelos próprios educandos quando há a aplicabilidade de gêneros textuais, mormente, textos que tenham como intuito interpretação de significados e sentidos. Provocando um conflito nestes (educandos) por não compreenderem o sentido do ensino, pois não assimilam essa “nova” forma de ensinar, ao passo que entendem que a veracidade do aprendizado, recorre apenas à forma ortográfica envolta na gramática sem observar os meandros que os levam para uma forma dinâmica de leitura, sendo assim, não desenvolvendo-se para outras áreas de ensino/aprendizado, intermediando texto/contexto e dificultando seus interesses inclusive, como cidadãos.

Em *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*, Angela Kleiman refere-se a cinco conceitos de leitura que a escola atualmente emerge e aplica de forma fechada, que não faz com que o aluno se detenha ao ato de interpretar, pensar, observar e adquirir gosto pelo que está sendo lido, nem tampouco, unindo texto e contexto intermediando com outros sentidos e significados de mundo e interdisciplinar.

O primeiro conceito dar-se pelo “texto como conjunto de elementos gramaticais”. Esse conceito enfoca na utilização do texto como pretexto para inferir aspectos de ordens gramaticais em que possui um significando, desprezando assim, o contexto.

O segundo recai sobre “o texto como repositório de mensagens e informações”. Consiste em fazer com que o aluno leia um texto e retire palavras soltas para dar significados. O grande problema desse conceito está envolto em uma indagação: Que tipo de aluno crítico se formará, mediante a esse conceito imposto pela escola? Citando Kleiman

No livro didático encontramos várias outras manifestações da visão que acredita na extração da mensagem através do domínio das palavras. A própria divisão que se faz regularmente entre compreensão das palavras (ou do texto) e interpretação do texto é reveladora dessa postura. Também a prática de examinar o significado absoluto das palavras é decorrente dessa mesma visão. (KLEIMAN, 2002, p. 20)

Dessa forma, este aprendiz dificilmente conseguirá compreender de forma coerente e completa o sentido de um texto que não esteja fragmentado. É necessário, mais uma vez, enxergar o contexto e não só, palavras livres.

“A leitura como decodificação” abarca o terceiro conceito ditado por Kleiman. Este conceito não induz o aluno a pensar ou interpretar. Baseia-se no simples ato de “perguntas e respostas”, das quais tais respostas já estão no próprio texto. Como se interessar por algo já pronto, que inibe a criatividade e o intuito pensante? Qual a relação que o indivíduo conciliará mediante as suas próprias indagações? Não há como correlacionar interpretações próprias em uma leitura decodificada, visto que, o espaço para esse elemento didático encontra-se fechado por “muitas informações” fornecidas.

Tratar a leitura como “método de avaliação” inibe a satisfação e o desejo do aluno pela mesma. Pois envolve inúmeros significados que este tende a lidar mediante a uma forma avaliativa. Á vista disso, reflete-se o quarto conceito estimado por Kleiman.

Se o nosso objetivo for verificar se o aluno conhece as letras, se automatizou as correspondências entre som e letra, se conhece o valor dos símbolos usados para pontuação, e se dermos tempo prévio à leitura em alta para fazer uma leitura silenciosa, então a leitura em voz alta pode ser a melhor forma de avaliar esse conhecimento. Entretanto, essa atividade não é sempre necessária, sendo até contraproducente se o nosso objetivo for ampliar o vocabulário visual de reconhecimento instantâneo, ou desenvolver os hábitos típicos do leitor proficientes na atividade solitária que caracteristicamente nem balbucia as palavras nem as declama. (KLEIMAN, 2002, p. 22).

O aluno, no momento dessa leitura, agrupa a pronuncia, dialeto próprio e a linguagem de forma padrão. Sendo assim, sufocando-o e intimidando-o mediante uma determinação imposta.

O último conceito permeia “a integração numa concepção autoritária de leitura”. Em que o conhecimento (prévio) de mundo do aluno é deixado de lado e suas interpretações não são avaliadas, pois, o professor e/ou o autor têm a apreensão do que é *certo* e *errado*. Porém, como aplicar uma teoria de certo e errado em uma sala de aula em que compõe-se várias mentes pensantes de forma distinta? A utopia que se forma diante de apenas uma compreensão textual reduz e rompe a maneira de se expressar do aluno.

Para se ter uma compreensão do ato (e hábito) do aluno adquirir a leitura como compatível e apreciativo, na escola, é fundamental que o professor posicione-se a direcioná-lo para livros que conversem com o mesmo e que estejam (os livros) inseridos em seu contexto social e cultural. Pois ganhando significado, essas leituras irão tornar-se produtivas e compreensivas. Consequentemente o desejo de ler, saber e aprender estarão presentes de forma notória, pois é uma realidade próxima. Dessa forma, o aluno saberá interligar o seu conhecimento prévio ao novo saber e assim conduzirá melhor suas leituras interna e externas a escola.

3. O conto *A Rosa e o Rouxinol* de Oscar Wilde: diálogos entre o ensino literário e o social

A Era Vitoriana foi um período de enorme desenvolvimento na Inglaterra, crescimento sustentado pelas colônias de exploração na África, Ásia e Oceania, além do ápice da Revolução Industrial que proporcionou novas técnicas de produção. Durante a Era Vitoriana, houve uma restauração do prestígio da Coroa Inglesa e o acúmulo de riqueza da classe burguesa. Foram impostos valores morais e éticos muito rígidos, além de repressão e sanção a todos aqueles que se opusessem as ideias vitorianas. Esse regime perseguiu as pessoas que não seguiam os valores morais propostos. E através disto, Wilde nos traz reflexos de sua visão da época supracitada em suas obras.

No conto *A Rosa e o Rouxinol*, Oscar Wilde dá-nos uma impressão inicial de que o conto é sobre o verdadeiro amor, no entanto, ao fazermos uma leitura mais detalhada percebemos o tom de ironia que permeia no texto. O aparente romance entre um estudante e uma moça mostra-nos quão superficial é o amor baseado em compensações materiais (felicidade material), enquanto o enredo ironiza o sacrifício do rouxinol, que é a única personagem de amor puro e incondicional.

No início do conto temos uma impressão de que o estudante possui um entendimento sobre o verdadeiro sentido da felicidade. Ele compreende que a felicidade não depende de coisas insignificantes e simples, como por exemplo, uma simples rosa. No entanto, ele deseja ardentemente encontrar uma rosa vermelha para tornar possível seu desejo de partilhar uma dança com a moça e demonstra o verdadeiro amor para a mesma. Neste conto entre outros como *O Príncipe Feliz*, *O Gigante Egoísta*, *O Amigo Devotado* o escritor Oscar Wilde utiliza-se da estrutura do conto de fadas para refletir sobre a vida moderna e discutir sobre ideias impostas socialmente. Nos trechos abaixo notamos que,

“Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas”, exclamou o jovem Estudante, “mas em todo o meu jardim não há uma única rosa vermelha”. (...) “Aqui finalmente, está um verdadeiro apaixonado!”, disse a Rouxinol. (...) “A Morte é um preço alto a ser pago por uma rosa vermelha”, lamentou-se a Rouxinol, “e a vida é cara a todos (...) Ainda assim o Amor é melhor que a vida, e o que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?” (WILDE, 2013, p. 17,19)

Notamos na primeira parte um grande sentimento de recompensa material para obter-se a “verdadeira felicidade”, sentimento adquirido nesse período através do amor ao dinheiro. Porque a pobreza era vista como algo repulsivo e uma falta de moral da diligência, ou um estado desonroso. Apesar do Rouxinol no conto ser a personificação do sacrifício pelo amor, observamos uma nítida crítica aqueles que cidadãos que viviam em condições de vida que apenas permitiam racionalizar entre o trabalhar para sobreviver notamos isso pela exploração do homem pelo homem que iniciava se nesse período. Notamos um estudante proveniente de classe burguesa que não consegue compreender a necessidade de valorizar pequenos gestos. E uma moça materialista que compreende os sentimentos nobres através de aquisições materiais e mostra-se insensível diante do sacrifício alheio de mantê-la feliz. Há diversos pontos que poderíamos analisar como referencia a critica social decorrente no conto, mas vamos deter-nos ao questionamento de: como podemos desenvolver a leitura literária?

O livro *Letramento Literário: teoria e prática* do Rildo Cosson tenta responder essa questão entre outras. O autor Rildo Cosson defende a ideia de um ensino de literatura em escola básica como uma maneira de promover a escolarização da literatura em sala de aula. Rildo defende que o letramento literário é diferente da leitura literária

como atividade prazerosa, entretanto depende dela. Para ele a literatura deve ser ensinada na escola não esquecendo seu valor social,

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2012, p. 23)

O autor propõe que o letramento literário não deve resumir a aplicação apenas que o aluno desenvolva uma leitura e no final do processo realize uma prova avaliativa, porque o desempenho dos mecanismos que levam ao aluno a uma ótica compreensão e interpretação do texto proposto depende inteiramente, da escola.

A partir dessa proposta, devemos motivar-nos do caráter humanizador e social da literatura na vida dos alunos, porque “o texto literário é o meio através do qual somos permitidos a compreender e vivenciar, através da experiência do outro (COSSON, 2012,p. 17). Por este motivo faz-se necessário o ensino de obras literárias que formem um caráter argumentativo e crítico no aluno. Sempre valorizando sua visão de mundo e conhecimento prévio sobre os temas que serão discutidos através da leitura literária em sala de aula.

Considerações finais

Consideramos que para ampliar o ambiente de interação entre o leitor e o autor faz-se necessário respeitar as interpretações do universo de leitura e as dificuldades dos alunos e, procurar uma compreensão melhor deste vasto território.

Esta reflexão leva- nos ao universo de redescobrimto do leitor e do leitor literário, com as palavras e seu método de interpretar no simples ato de ler o texto e atribuir um sentido novo. Porém, muitos alunos possuem dificuldades de interpretação e compreensão dos textos.

Muitos educadores colocam a responsabilidade maior da democratização da leitura e escrita, unicamente as escolas. No entanto, há uma exclusão social na qual os métodos para avaliar esses dois elementos são taxativos, controladores e ditadores ferindo muitas vezes o universo de criatividade, criticidade e interpretativo que traz ao ambiente escolar e ao próprio leitor/escritor.

Alguns educadores estabelecem este “consenso” como um padrão a ser seguido sobre o que é certo e errado no ato de ler um texto, ou quando depara-se com uma obra literária, criando na maioria das vezes um controle na aquisição das práticas de leitura e interpretação do leitor. Controlando a originalidade e desprendimento dos leitores ao mergulharem no mundo lúdico e imaginário, assim como, bons escritores. É perceptivo que esta postura retarda a autonomia do leitor e a liberdade de escrita, dessa forma, inibindo sua individualidade, pois não são respeitadas e valorizadas.

Oscar Wilde, escritor e dramaturgo, possuía ideias contra o regime moral imposto pela sociedade, por tal motivo criticou ferozmente em suas produções literárias a hipocrisia, o egoísmo, hábitos, vícios da sociedade burguesa. Seus contos infantis retomam a estética e estrutura dos clássicos contos de fadas criando uma atmosfera de fantasia e escape da realidade, no entanto, a representações dos sujeitos oprimidos e colocados à margem na sociedade são explicitamente visíveis. Ele tocou na ferida do moralismo burguês sem excluir o belo de sua arte. Apesar de sofrer sanções e interdições por defender posturas contrárias aos padrões da sociedade vitoriana.

Notamos a necessidade do ensino de seu trabalho em sala de aula, devido a vasta possibilidade de leitura polissêmica, proporcionando aos alunos o rompimento das fronteiras de língua, tempo e espaço, e estabelecendo um intercâmbio cultural. Os conteúdos de suas obras contrapõem a maneira controladora e intolerante, que inibem a interpretação e o imaginário do aluno. Em “A Rosa e o Rouxinol” observa-se temas em que pode-se associar aos que os jovens vivenciam. Amor, juventude, ingenuidade e sacrifício, são questões que recaem na hodiernidade, fazendo com que o aluno reflita e consista em significados mediante suas próprias experiências e conhecimentos prévios de mundo.

Faz-se válido comentar que a importância no ato de ler terá valor no sentido de formação dos conceitos do ser humano. Seu envolvimento singular, sela em muitos sentidos o desenvolvimento acadêmico dos mesmos. Pois a aprendizagem de leitura frequentemente ensinada em sala de aula, formará um verdadeiro leitor ou não. Tudo dependerá dos meios que são desenvolvidos para realização da veiculação destes textos nas escolas.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. Ed. Contexto. São Paulo. 2012.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Ed. Pontes. São Paulo. 2002

WILDE, Oscar. **Contos Completos**. São Paulo. Landmark.2013.